

ROMEU MORREU! - TEATRO NA COMUNIDADE

BEZERRA, Rosane – PRESSÃO NO JUÍZO, Centro de Estudos, Pesquisa e Ações em Teatro, Arte-Educação e Cultura – rosaneoncanada@hotmail.com
MELO, Regina – EM CENA ARTE E CIDADANIA – reginamelo06@hotmail.com

Resumo

Na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire nos mostra o que o ser humano tem de mais admirável: a sua vontade de ser mais. Indica vários caminhos que podemos percorrer para despertar essa vontade. Caminhos onde, mestre e aprendiz, educador e educando, ator e espectador são um só. Aquele que esteve sempre à mercê, à espera, a simplesmente assistir, tem a possibilidade de questionar, de participar de atuar, de estar em cena. Estar em cena possibilitando diálogos para a solução de problemas que atingem suas vidas diretamente. Para a realização desta condição humana é preciso garantir ao indivíduo o reconhecimento do seu direito. O seu direito de ser mais, de sair de uma situação de opressão. Este é um relato de uma experiência feita em uma comunidade da cidade do Recife onde um grande número de mulheres vivem situações de opressão pela cultura machista presente muito forte nesta comunidade.

Palavras-Chave: vontade do ser, teatro do oprimido, direito, comunidade, violência contra as mulheres.

RECIFE - 2008

A violência doméstica e familiar contra a mulher no Recife está no ranking dos crimes mais frequentes que passam pelo Ministério Público. Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em 2006 e 2007 apontam que as mulheres do Recife tiveram poucas mudanças em relação ao trabalho e o emprego informal foi o que mais cresceu.

Com o objetivo de promover um diálogo e fortalecer as mulheres na comunidade dos Coelho, o Grupo de Teatro do Oprimido Interrogação montou e encenou a peça Romeu Morreu! em vários espaços da comunidade. Esta comunidade está localizada na zona

central da cidade e de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife, é a área que apresenta os mais baixos índices de desenvolvimento humano.

O teatro possibilitou um diálogo com essa comunidade e demonstrou na prática, como a dependência financeira deixa muitas vezes as mulheres vítimas de violência doméstica sem saída e de como elas se vêem obrigadas a conviver com seu opressor.

Esse trabalho é fruto da parceria entre as ONGs Em Cena Arte e Cidadania e a Pressão no Juízo, Centro de Estudos, Pesquisas e Ações em Teatro, Arte-Educação e Cultura.

O Teatro do Oprimido foi criado baseado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, pelo teatrólogo Augusto Boal na década de 70. Consiste num conjunto de técnicas teatrais criadas para estimular a discussão sobre as relações de poder comumente estabelecidas na sociedade. O teatrólogo define como oprimido o ser humano que tem um desejo possível de ser realizado, a sua vontade de **ser mais**, que luta para realizá-lo, mas é impedido de alcançar esse desejo pelo opressor, alguém que detém algum tipo de poder e que por este fato impede a realização do desejo do oprimido.

Seu principal objetivo é funcionar como instrumento de diálogo e mobilizador, bem como ser o ponto de partida para ações concretas, além de estimular a reflexão e a visão polissêmica diante das opressões com as quais nos deparamos.

Para essa experiência na comunidade dos Coelhos foi escolhida a linguagem do Teatro-Fórum, que consiste numa representação teatral onde é mostrada uma situação de opressão vivida por algum integrante do grupo e que ao final da encenação, que mostra a relação opressor-oprimido, onde o desejo deste é frustrado por aquele, o espectador, chamado nessa metodologia teatral de espect-ator, tem o direito de interferir na cena para mostrar ao oprimido possíveis alternativas para solucionar seu problema, ou realizar seu desejo.

O projeto Pressão no Juízo existe desde 1998, surgiu dentro da Brigada Cultural Paulo Freire, projeto de alfabetização de adultos do Departamento de Educação Básica de Jovens e Adultos (DEBJA) da Secretaria de Educação do Recife. Desde esse ano o projeto expandiu suas atividades, tornou-se um grupo de teatro que ministrava oficinas de formação na linguagem criada por Augusto Boal e apresentava peças de Teatro do

Oprimido e, devido ao crescimento contínuo tornou-se uma ONG em 2007, com o objetivo de colaborar com o processo de desenvolvimento da região nordeste através de estudos, ações e pesquisas nas áreas de Teatro, Arte-Educação e Cultura. A ONG Pressão baseia-se na metodologia triangular: produzir, refletir e contemplar a produção artística e cultural, expandindo suas ações a diversos lugares da região na busca da produção cultural essencialmente humanística.

Nesses dez anos de trajetória, o projeto Pressão no Juízo atuou na produção de várias cenas de Teatro-Fórum, uma das linguagens do Teatro do Oprimido, que foram apresentadas em Recife e em cidades da região metropolitana, em João Pessoa, Rio de Janeiro e Londrina. Construiu e publicou artigos científicos a partir da prática do Teatro do Oprimido, realizou palestras e oficinas introdutórias à Poética do Oprimido em 14 municípios dentro de Pernambuco, em diversos bairros do Recife e fora do Estado e dedicou-se à estimulação da formação de sete grupos de Teatro do Oprimido nas cidades do Recife e Jaboatão dos Guararapes em Pernambuco; Bayeux, João Pessoa e Santa Rita na Paraíba; e Aracaju, em Sergipe.

A Em Cena Arte e Cidadania é uma Associação Civil sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade do Recife, fundada em 27/11/1998 tem como missão contribuir para a educação artística, cultural e cidadã de crianças e adolescentes através de atividades educativas, lúdicas, criativas e artísticas de dança, música e teatro.

Em fevereiro de 2007, a Em Cena Arte e Cidadania, possuía um grupo de voluntárias formado por duas estudantes universitárias, uma profissional liberal aposentada e quatro mães de crianças e adolescentes atendidos pela instituição. Esse grupo foi criado como uma alternativa para fomentar a participação familiar e da comunidade na vida de suas crianças e adolescentes. Pensando então em como fazer desse grupo um canal de comunicação e interação com a comunidade foi que a Em Cena Arte e Cidadania propôs montar um grupo de teatro com elas. Teatro do Oprimido! A proposta foi levada ao grupo e o desafio topado! O passo seguinte foi procurar quem em Recife trabalhava com a técnica do Teatro do Oprimido. Encontrado o grupo Pressão no Juízo, que naquele momento buscava parceiros que quisessem conhecer e trabalhar o método (o Pressão no Juízo faz parte do projeto TO DE PONTO A PONTO, realizado pelo Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro, patrocinado pelo Ministério da Cultura - MinC). A partir daí então houve

um encontro entre o Pressão no Juízo e o grupo de voluntárias da Em Cena Arte e Cidadania e no dia 8 de março (dia internacional da mulher) de 2007 aconteceu a primeira oficina de teatro com um grupo de onze pessoas além das duas multiplicadoras do Pressão no Juízo.

As primeiras oficinas foram bem participativas, mas ao final de um mês, do grupo de onze éramos sete. Da formação inicial restaram quatro. Várias foram as razões das saídas. Desde a não identificação, gravidez de uma das integrantes, falta de tempo de outras, incompatibilidade religiosa, proibição por parte do marido, enfim foram vários os motivos. E o grupo andava... com onze, com sete... com quatro! E o que encenar? O Teatro do Oprimido tem como proposta “teatralizar” problemas pessoais vividos no dia-a-dia. Ali no grupo tínhamos vários! Todos esses motivos de saída dos integrantes foram fazendo com que o grupo aos poucos fosse percebendo a razão da existência do mesmo, pois eram muitos os problemas ali vividos, ali compartilhados. Surgiu a cena “ROMEU MORREU!” inspirada na HISTÓRIA de uma ex-integrante do grupo que teve que sair por causa do machismo do marido. Durante as oficinas o grupo falou muito da questão do machismo e da importância de se levar essa questão pra ser discutidas na comunidade, pois ali cotidianamente acontecem casos de agressão e violência contra a mulher.

Os encontros, que se propunham a acontecer com duração de dois meses, iniciaram em março de 2007 e se estenderam até dezembro de 2007, devido a muitos impasses pelos quais a Equipe teve que passar.

Muitos foram os motivos que nos foram dados pelos que abandonaram a oficina: falta de tempo, motivos religiosos, timidez e etc. Uma ausência em particular comoveu o grupo como um todo – a de Janaína. Janaína mãe de duas crianças atendidas pela Em Cena Arte e Cidadania participante do grupo de voluntárias, estava empolgada com a Oficina de Teatro e já havia externalizado este sentimento mais de uma vez para os integrantes do grupo. Quando ela parou de frequentar o ambiente, todos ficaram surpresos: o marido de Janaína, que era agressivo, a proibiu de frequentar o curso.

Mesmo depois da “Contação de Histórias”, que ocorreu no 3º encontro da oficina, momento em que os integrantes contam as histórias de opressão que vivenciam: primeiro em pequenos grupos que escolhem uma das histórias, depois o grande grupo escolhe a história que a maioria se identifica ou que consideram a opressão mais urgente a ser

dialogada. Surgiram histórias maravilhosas para produção de cenas com Teatro-Forúm, e dentre elas, o grupo escolheu a de Janaína.

A peça, “Romeu Morreu”, continha cinco personagens extremamente fortes. Das Dores é a oprimida, dona de casa, que foi tirada da casa de seus pais que a tratavam muito mal por seu marido, Malvino. Das Dores fica sabendo através de Socorro, integrante de uma ONG, que estariam acontecendo aulas de teatro (o sonho da protagonista sempre fora ser atriz). Das Dores, utilizava a sua vassoura para demonstrar sua alegria, dançando e cantarolando agarrada ao objeto que passou a chamar de Romeu. A vassoura era, ao mesmo tempo, a prisão e a representação do sonho da personagem. Uma outra personagem que entra em cena para se aliar ao opressor é Fifi, a famosa fofqueira. Tal personagem era má recebida pelo público por representar a falsa amiga. Em muitas intervenções era a primeira a ser chutada para fora de cena debaixo de xingamentos.

Seguindo uma linha própria da Equipe de Teatro do Oprimido Pressão no Juízo, a cena se desenrola num tom cômico e por vezes sarcástico com a entrada de dois personagens opressores, porém extremamente carismáticos: Malvino, e a Televisão. Malvino é um marido extremamente desconfiado, inseguro, machista, mas apaixonado pela mulher, e a televisão, também machista, influenciava Malvino a trancafiar Das Dores em casa. O diálogo entre esses dois personagens era motivo para muitas risadas por parte da platéia. Uma cena especialmente comentada era a que a Televisão esticava as mãos pra fora da tela para dar uma cerveja à Malvino.

Nas apresentações as pessoas ficavam atentas à peça, presas a cada diálogo, reconhecendo seu bairro ou sua casa, numa história dinâmica e alegre. Na hora do fórum, aconteciam intervenções pertinentes, e todos que viam a cena levavam a sério a luta contra aquele opressor. O humor e a energia que emanavam do opressor e de seus aliados, não impediam que o público se identificasse com o meigo e batalhador personagem de Das Dores, gerando alguns fóruns descontraídos e outros mais tensos.

“Estamos diante de um público muito difícil, um público em que primeiro precisamos despertar da anestesia, da depressão, para depois eles se perceberem enquanto oprimido e depois oprimidos sabedores de suas opressões para daí lutarem pela transformação de sua realidade. (Lucélia Albuquerque – multiplicadora do TO e integrante do Pressão no Juízo)

Tivemos momentos difíceis e momentos divertidos no Grupo Interrogação.

Os momentos difíceis incluíam dúvidas e falta de entusiasmo, ausências e discussões. Esses momentos serviram para acima de tudo unir o grupo, transformando em amizade e carinho o que seria uma oficina de dois meses. Esses momentos ajudaram o grupo a crescer e a, em conjunto, decidir o momento propício de se encerrar o processo.

As horas de alegria foram muitas. Um momento importante para todos os integrantes do grupo, em especial Queixinho, que representava “Malvino” o marido opressor, foi o recebimento de uma carta de Mieja, educadora da Em Cena Arte e Cidadania, parabenizando o trabalho do grupo na comunidade.

“Sugiro que vocês apresentem a peça em muitos outros lugares, daí dos Coelhos mesmo. Até esgotar! Sabemos que a violência contra a mulher ainda cresce assustadoramente e que muitas ainda permanecem na cultura do silêncio, seja por medo, por dependência financeira ou por estarem acostumadas com o ciclo da violência a que estão submetidas e acharem que um dia seus maridos vão melhorar. A mulher ainda sofre os mais diversos tipos de violência, seja psicológica, física e/ou moral.

Se a nossa forma de intervir na comunidade é através do teatro, que ele seja bem vindo! Vamos juntos na luta por melhores condições de vida, de amor, de saúde, de respeito. É bem verdade que estamos remando contra a maré... Seremos tachados de loucos/as, que isso não tem nada haver, que nada vai mudar. Mas se a gente se juntar, não seremos só uma gota no oceano, seremos várias gotas... E assim seremos mais fortes. Todos juntos somos fortes. Estamos no mesmo barco, na luta e no ideal por uma vida com mais qualidade.

Um abraço muitíssimo especial para as mães da Em Cena: Neide, Rosinha e Olívia. Parabéns pela força, pela clareza e por não se envergonharem/intimidarem pelo fato de estarem em cena. É muito legal! E impossível não se citar Queixinho! Que criatura é essa? Meu querido, você é maravilhoso, um achado tão perto de nós há anos e que a gente nunca tinha percebido... Parabéns. Você é cheio de luz!”

Foi com muito orgulho que o grupo viu Queixinho emergir, ser realmente notado por pessoas que ele já convivia há muito tempo. Foi maravilhoso para Queixinho realizar um sonho e receber reconhecimento: ele imprimiu uma cópia da carta e revelou aos colegas que iria emoldurá-la e prendê-la na barraca em que trabalha.

A auto-estima dos integrantes crescia. E o que mais comentavam sobre a peça era como as pessoas falavam daquela situação depois da encenação, a situação da mulher, as possíveis saídas, enfim promovia-se um diálogo diferente entre as pessoas da comunidade.

Diálogos que estas não estavam habituadas a terem por não terem tido até então a possibilidade de refletirem sobre o problema ali trazido, de pensarem na possibilidade de ser mais.

Houve ainda um momento-chave para a história do Grupo Interrogação: a apresentação na frente da casa de Janaína. Nada mais instigante do que apresentar na rua da oprimida que inspirou a história de “Romeu Morreu!”, e nada mais realizador do que ver que o marido de Janaina assistiu a cena, viu a intervenção das pessoas, viu-se na berlinda. Quando foi chamado pelo próprio público a entrar em cena, o opressor de Janaina sumiu.

Uma ‘sementinha’ foi plantada na comunidade dos Coelhos. A peça foi apresentada muitas vezes, o problema discutido ainda mais. A transformação de todos e de cada um que entrou em contato com o TO está em andamento. O resultado foi muito positivo para a comunidade, pois conforme depoimentos colhidos, o teatro trouxe a esperança, a possibilidade, o sonho, o desejo e o direito de tentar mudar uma situação de insatisfação, o direito de ser mais, o direito de ser feliz!

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e Outras poéticas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.